

Entrevistadora: Muito obrigada por sua participação neste projeto. A meta deste questionário é produzir uma narrativa coerente e detalhada da sua história. Então eu recomendo que você se sinta livre para falar o que você quiser, sem ter preocupações em falar com profundidade. Isso é o que nós queremos. Diga-me sobre seu lugar de nascimento e como era esse lugar e as pessoas que moravam lá.

Vera: Bem, eu nasci, na realidade, em Mata de São João, interior de Salvador. São umas pessoas humildes que corre atrás realmente para sobreviver. Aos nove anos eu vim para Salvador, que estou até hoje.

Entrevistadora: E como era seu lugar de nascimento.

Vera: Eu saí de lá com oito anos, então não me lembro assim muito, e depois não retornei mais, mas era um lugar legal, tranquilo, bom de se morar.

Entrevistadora: E como foi quando você foi criança? Quais são suas memórias mais bonitas?

Vera: Eu tive uma infância boa, graças a Deus na época meu pai era petroleiro, então a gente tinha condições assim não boas, mas tranquila para se viver, então eu digo que a minha adolescência foi muito boa, muito tranquila. Só um minuto.

[conversa de fundo]

Vera: Desculpa, filha, não tem como não atender.

Entrevistadora: Você lembra algum jogo, passatempo, brincadeira em particular que você costumava jogar?

Vera: Pequena, criança? Sim. Criança, minha mãe era um pouco rígida, ela não gostava de a gente brincar na casa da vizinha, então normalmente nós brincávamos através de uma cerca, e lá nós brincávamos de boneca, de corda, às vezes de gude. Tipo assim, brincadeiras que hoje você não vê mais aqui, a minha brincadeira era essa.

Entrevistadora: Fale sobre seu pais e avós. De onde eles eram?

Vera: Meus pais eram daqui de Salvador e meus avós de Mata de São João que era do interior, eram pessoas tranquilas, pessoas normais, sem problema, minha família sempre foi unida e tudo. Graças a Deus só coisa boa. Eu tive sorte na adolescência.

Entrevistadora: E quais eram as profissões ou trabalhos de seus pais?

Vera: Minha mãe era doméstica, ela cuidava da gente, meu pai era petroleiro, meu avô tinha uma padaria na época.

Entrevistadora: O que você lembra de seus pais e avôs? O que você lembra que eles faziam, comiam, bebiam ou falavam?

Vera: Meu avô, tive pouco tempo de convivência, que ele veio logo a falecer. Ele era uma pessoa diabética, mas mesmo assim gostava de roubar a geladeira. E meu pai, ele na época era alcoólatra. Mesmo tendo uma situação financeira boa e tudo, ele gostava muito de beber na época, eu acho que foi isso que levou à morte dele mais rápida, que talvez se ele não fosse tão alcoólatra e se tivesse na época esse recurso que tem agora, talvez estaria vivo. E minha mãe não, minha mãe nunca bebeu, normal, a vida dela era normal realmente. Com a idade, veio a hipertensão, e aí numa crise dessas, ela veio a falecer, de repente, mas fora disso, ela não tinha problema nenhum.

Entrevistadora: Como era o Pelourinho quando você era criança?

Vera: Eu não cheguei a conhecer o Pelourinho em criança, eu vim conhecer o Pelourinho realmente há 10 anos atrás. E quando eu vim a conhecer, ele é mais ou menos como está aqui agora. Mas a imagem que eu- pequena, que eu tinha do Pelourinho é que era um lugar ruim, era um lugar sujo e que só morava mulheres prostitutas que fazia vida. Era a imagem que a gente tinha, que eu tinha em criança do Pelourinho.

Entrevistadora: Como era trabalhar em sua profissão quando você era criança?

Vera: Criança?

Entrevistadora: Era diferente?

Vera: Não entendi a pergunta.

Entrevistadora: Como era trabalhar em sua profissão quando você era criança?

Vera: A profissão que eu faço agora? Veja bem, a profissão que eu faço agora, quando eu era criança, não existia, era um penteado do dia a dia que a gente fazia dentro de casa com os filhos. Hoje agora que aos poucos está sendo uma profissão. Mas antes não era não, antes era um penteado normal que a gente fazia na cabeça dos filhos. Eu quando me formei, eu me formei como secretariado, fiquei de 15 anos trabalhando nessa área. Depois que a firma fechou e tudo, aí eu não quis mais trabalhar para ninguém, foi quando me deu a ideia de vir para aqui para o Pelourinho trabalhar como trançadeira.

Entrevistadora: E como você aprendeu a fazer o que você faz?

Vera: Eu fui obrigada a aprender na cabeça de minha filhas, eu tenho uma filha menina, uma mulher, na época eu não sabia fazer nada, e aí aos poucos fui treinando as tranças na cabeça dela, tanto é que hoje ela diz que ela é que foi a cobaia, que hoje está aqui, agradeço a ela.

Entrevistadora: Você gosta de comer?

Vera: Adoro.

Entrevistadora: Quais são suas comidas preferias?

Vera: Veja bem, eu gosto de comer tudo, só que a idade agora não permite mais, então eu tenho que me reeducar de novo, então eu procuro normalmente comer comidas leves, feijão sem muita gordura, porque senão eu estava **[unintelligible 00:06:29]** falando com a colega, que até o meu feijão, **[unintelligible 00:06:31]** mocotó, agora não, eu confio mesmo só de água e sal e para mim eu estou feliz, para que não venha a ter outro futuro como a minha mãe teve, que a minha mãe era hipertensão, eu também tenho problemas de pressão, mas eu procuro controlar para poder não agravar, porque isso é hereditário, não tem jeito.

Entrevistadora: Você tem uma receita para compartilhar com a gente?

Vera: Não entendi.

Entrevistadora: Uma receita de cozinha.

Vera: Não, eu sou péssima de cozinha, só o básico, arroz e feijão, uma galinha, mas eu não sou prendada realmente na cozinha. Não tenho esse dom não.

Entrevistadora: Você cozinha em sua casa, gosta de cozinhar?

Vera: Eu gosto da cozinha, eu sou obrigada a cozinhar pelo fato de não ter alguém para fazer, porque se eu tivesse condições, eu não iria para a cozinha.

Entrevistadora: Você gosta de música?

Vera: Gosto. As pessoas me chamam de cafona, mas eu prefiro as músicas antigas, porque tinha letra, hoje agora você ouve música que não tem nada a ver. Eu acho que não tem letra, é mais coisa falando sobre sexo, expondo a figura da mulher, e antigamente não, antigamente você ouvia uma música, você sentia que aquela letra- tipo o Roberto Carlos. E outras músicas atrás, eu gosto muito de ouvir músicas antigas, atual ouve porque não tem jeito.

Entrevistadora: Que tipo de música você prefere?

Vera: É como eu lhe falei, música romântica, músicas antigas, tipo Roberto Carlos, Alcione, esse tipo de músicas, lentas, não axé, axé eu oiço porque não tem jeito, porque qualquer lugar que você vai, rádio, tudo só toca mais música de axé, mas eu prefiro mais as músicas antigas.

Entrevistadora: Você canta?

Vera: Não, sou péssima. Não tenho jeito.

File name: VFOA Brazil V L d C M.MP3

Entrevistadora: Pode cantar algo para a gente?

Vera: Não, não faça isso, não faça isso por favor, eu não sou boa para cantar. Não, não, não. Não, não, por favor.

Entrevistadora: Qual é seu provérbio preferido?

Vera: Provérbio, como assim? Provérbio? Qual é seu provérbio preferido?

Participante: É, "Quem ama cuida."

Vera: É, quem ama cuida, vela, amor, carinho.

Entrevistadora: Qual religião você pratica?

Vera: Eu sou do candomblé.

Entrevistadora: Que tão importante é a religião para você?

Vera: Veja bem, a minha religião infelizmente aqui é um pouco criticada. Ultimamente o que a gente está vendo é Igreja Batista-- Eu não quero nem citar o nome, mas eu sou do candomblé. Eu adoro o que eu faço, acho que é a coisa que é onde eu me encontrei. Vou para a Igreja Católica, mas também eu sou do candomblé. Até porque está ligada, católico com candomblecista.

Entrevistadora: Existe uma ligação entre o que você faz e sua religião?

Vera: Não, totalmente diferente porque na minha religião eu estaria vendendo acarajé, e não é isso que eu faço, eu trabalho com tranças.

Entrevistadora: E pode descrever qual é sua parte preferida de seu serviço religioso?

Vera: Veja bem, eu dentro do axé, eu sou como se fosse uma autoridade, como se fosse não, eu sou uma autoridade, eu sou ekedi. Ekedi é uma pessoa de confiança do pai, da mãe e dos orixás. Então meu trabalho é esse, de cuidar, de zelar dos santos.

Entrevistadora: Qual é o nome de sua profissão ou trabalho?

Vera: Ultimamente eu estou como trançadeira, mas eu me formei mesmo no secretariado. Mas por espaço e falta de oportunidade e também não querer mais trabalhar para ninguém, aí eu me encontrei como trançadeira, uma coisa que eu gosto de fazer e graças a Deus dá para sobreviver.

Entrevistadora: O que você pensa sobre a sua profissão?

Vera: Eu penso que eu espero que cresça muito mais, porque ultimamente as pessoas daqui não dá tanto valor. O que eu percebo é que as pessoas de fora vêm procurar nosso trabalho. E principalmente eu percebi que é trabalho na rua. Eles ficam doidos quando vê um trabalho na rua assim, como trança, coisa que nos outros países não tem, então eu espero que o nosso trabalho cresça cada dia mais.

Entrevistadora: Como você começou a trabalhar nesta profissão?

Vera: Tipo assim, teve um evento aqui, na época era Seu Leal que fez, que colocou todas as trançadeiras no Terreiro de Jesus, reuniam todos e colocou todas, e foi aí que eu passei e vi e eu falei assim: "Poxa, por que não também fazer?" Aí foi quando eu tive ajuda do colega ali, que ele já tinha mais tempo, que falou assim: "Vera, por que você não bota um ponto aqui também e começa a trabalhar?" Aí eu peguei e vim com [unintelligible 00:11:45] e hoje já tenho oito anos aqui no Pelourinho, fazendo trança.

Entrevistadora: Quanto tempo faz que você trabalha nesta área?

Vera: Oito anos, só como trançadeira, oito anos.

Entrevistadora: Com que coisas você gosta de trabalhar aqui e não gosta de trabalhar aqui?

Vera: Veja bem, o que eu gosto é que graças a Deus todo o meu trabalho, as pessoas reconhecem e me valoriza. Agora, o que eu não gosto aqui é a discriminação, pelo fato de a gente trabalhar na rua acham até que nós somos uma pessoa vulgar, que estamos aqui para tudo, e não é verdade, eu pelo menos, eu vou responder por mim, eu venho aqui para conseguir o meu pão de cada dia para levar para casa para os meus filhos. Acabou aqui, eu vou fazer o cabelos dele, eu vou embora, então é isso que eu quero do Pelourinho, ganhar o meu dinheiro honesta e depois ir embora. Não é porque eu estou trabalhando na rua que eu tenho que me prostituir, que eu tenho que vender droga para poder ficar no Pelourinho.

Entrevistadora: Você trabalhou num outro lugar?

Vera: Trabalhei sim, numa empresa de seguros muito grande que tinha várias filiais. Eu não sei se eu posso dizer o nome. Posso? Era uma empresa chamada Companhia de Seguros da Bahia, eu trabalhava na parte administrativa da empresa.

Entrevistadora: Que coisas você gosta de sua profissão?

Vera: Bem, eu gostava de trabalhar na parte administrativa, lá pela Companhia de Seguros da Bahia, só que eu percebi que eu tinha um pouco de discriminação pelo fato de ser negra. Então acho que foi esse fato que levou a eu não querer trabalhar mais em outro lugar, porque infelizmente na empresa onde eu trabalhava, na sucursal de Salvador, a única negra que tinha era eu. E aí por isso eu era muito

cobrada, era muito pisoteada, então eu preferi sair e graças a Deus apareceu essa oportunidade e eu estou aqui até hoje.

Entrevistadora: O que não gosta de seu trabalho?

Vera: Não, eu faço uma coisa por amor, não tenho que não gostar do meu trabalho. Eu procuro cada dia mais melhorar para poder eu ver meu trabalho reconhecido, as pessoas olhar no espelho e falar assim: "Não, eu gostei."

Entrevistadora: Como você pensa que os turistas ouvem a você?

Vera: Graças a Deus até hoje eu não tive problema nenhum com turista, muito pelo contrário, às vezes eu fico até surpresa por ver que as pessoas falam muito de racismo nos Estados Unidos, e aqui eles tratam a gente tão bem, com tanto carinho, que às vezes eu fico sem entender, "Será que é realmente isso?" Aqui pelo menos comigo eu não tenho o que me queixar dos turistas, sempre fui bem tratada. Até porque eu acho que a minha forma, por eu ser negra, de ter um cabelo diferente, eles fazem questão de vir tirar foto, às vezes eu fico até sem jeito quando eu vejo eles tirando, mas eu fico sem saber para quê a minha imagem, porque de repente a gente não sabe para quê eles usam a imagem lá fora. Mas de outro lado, eu fico satisfeita de saber que está tirando uma foto minha, que vem e faz o cabelo comigo e sai satisfeito.

Entrevistadora: Como é a sua relação com as pessoas da Bahia?

Vera: Graças a Deus boa, se você perguntar aqui a todo mundo quem é Vera, todo mundo vai dar uma boa informação, porque eu sempre procuro me dar com todo mundo, não importa se é um dono de uma loja, se é um vendedor. Porque também a gente trabalha na rua, então a gente tem que ter um bom relacionamento com todo mundo.

Entrevistadora: Você tem uma relação diferente com os homens que com as mulheres?

Vera: Para mim todo mundo é igual, o importante é você ter o respeito, tanto faz homem, mulher, não tenho problema nenhum em lidar.

Entrevistadora: Você está casada?

Vera: Estou cansado por hoje de estar parada sem fazer nada, meu primeiro cliente vai ser ele, infelizmente já na hora de eu ir embora. Eu gostaria de ter ficado aqui o dia todo trabalhando, mas infelizmente Deus sabe o que que faz, hoje não dá, amanhã já pinga, depois de amanhã já é um dia melhor.

Entrevistadora: E tem marido você?

Vera: Tenho, sou casada há 25 anos.

Entrevistadora: E como conheceu a seu marido.

Vera: Eu conheci numa festa de largo aqui numa cidade próxima chamada Simões Filho, a gente foi, eu fui, ele foi também, lá a gente se encontrou e estamos até hoje, há 35 anos no total.

Entrevistadora: E ele trabalha?

Vera: Ele trabalha como metalúrgico, a gente tem uma pequena empresa, não muito assim, que ele faz grades, janelas e trabalha com isso.

Entrevistadora: Quem é a pessoa que ganha mais dinheiro na sua família.

Vera: Infelizmente a gente-- É ele, em relação a mim, é ele, lógico. Mas nós trabalhamos assim, nós não temos salário fixo, a gente trabalha realmente e corre atrás para poder sobreviver. E graças a Deus o pingo que nós estamos, recebemos que Deus dá e abaixo de Deus orixá, hoje eu tenho uma filha que acabou de se formar, ela tem 25 anos, eu tenho uma outra de 21 anos que agora está na faculdade e o outro menino de 13 anos que também está, graças a Deus, encaminhado. Não sentido de pobre mas pelo menos eu não tenho dor de cabeça.

Entrevistadora: Me fale sobre os seu filhos, suas vidas, seus trabalhos, esperanças e expectativas para eles.

Vera: Eu tenho três filhos, graças a Deus são-- Eu tenho duas meninas e um menino, e são-- Eu posso falar que eu tenho que agradecer de joelho a Deus todos os dias porque são crianças que mesmo não tendo condições, os pais não tendo condições financeiramente de bancar, mas são crianças que dão orgulho, que corre, que estudam, que eu vejo muito adolescente com 10, 12 com filho nos braços, e as minhas com 21 e a outra com 25 querendo sempre crescer, fazendo faculdade para que no futuro elas pensam em até ter um filho e tudo, mas que no momento elas querem crescer, coisa que hoje agora a gente não vê muito, vê criança de 10, 12 anos com filho na cintura, infelizmente é a nova geração que a gente está vendo por aí. Então eu sou feliz e tenho que agradecer todo dia a Deus pelos filhos que Deus me deu.

Entrevistadora: Você está ensinando as suas filhas a fazer o que você faz?

Vera: Elas sabem, mas é como eu lhe falei no início da entrevista, aqui no Pelourinho as pessoas confundem muito. Quando eu comecei realmente, veio a de menor, a que hoje tem 21 anos me ajudar, mas pelo fato do assédio, pelo fato de ver eu e ela aqui trabalhando achar que poderia ter algo mais, então eu tirei ela daqui e eu só fiquei. Mas ela sabe fazer a mesma profissão que eu tenho, só que hoje agora uma é formada na faculdade, administração de empresa, e a outra agora, essa que ficava aqui comigo está fazendo faculdade na Jorge Amado como Recursos Humanos. Então eu sou feliz, né? Porque infelizmente um pouco você vai ver isso se você entrevistar outras trançadeiras. As pessoas confundem muito aqui.

É como eu lhe falei, meu objetivo é trabalhar, ganhar o meu honesto para sustentar a minha família.

Entrevistadora: Você morou num outro estado?

Vera: Não, nunca morei. Sempre em Mata de São João, que faz parte também da Bahia, e depois aqui em Salvador não saí mais.

Entrevistadora: Você participa nalgum grupo ou organização?

Vera: Participo. Veja bem, nós, quando eu falo assim nós, eu falo em relação à família em geral. Meu cunhado, ele tem uma associação chamada associação Tenda de Olorum. E essa associação a gente faz muito trabalho social. A gente faz muito trabalho social, faz evento, trabalhamos uma época com material PET, a família ia, levava, a gente pagava pela aquela garrafas. Infelizmente a gente não tinha um espaço próprio, então tivemos que devolver. Como ele herdou do pai um pequeno espaço, hoje a nossa sede já está mais ou menos construída para que a gente volte de novo fazer esse trabalho social na sociedade.

Entrevistadora: E que rol você tem este grupo ou organização?

Vera: Não entendi.

Entrevistadora: Que rol ou que papel você tem?

Vera: Nessa associação, a princípio era um bloco carnavalesco, que a gente deixou de ser bloco para fazer um trabalho com a sociedade. Nós não temos político, nós não temos ajuda, é o salário do meu cunhado realmente que ele tem o prazer de botar, graças a Deus ele trabalha na Petrobras e é um prazer que ele tem de ajudar a comunidade. Mas nós não temos fins lucrativo nenhum, é um trabalho social sem fins lucrativos.

Entrevistadora: Que tipo de relação você tem com as outras mulheres que trabalham na área?

Vera: Graças a Deus, eu acho que pela minha postura, eu me dou bem com todas elas. Infelizmente nem todas que podem responder isso, que eu fico triste que a gente-- É um trabalho que as pessoas vêm de fora procurar, eu gostaria que as colegas fosse mais unidas. Em vez de brigar por causa de um cliente ou outra, se uma está com dois, três, uma não tem ninguém, eu gostaria muito que as colegas chegassem e mandassem, fizessem aquela troca entre si, que infelizmente não acontece isso. Então me deixa triste só isso na área do meu trabalho.

Entrevistadora: Você gostaria falar de algo mais que não falamos até agora?

Vera: Espero que eu tenha me saído bem na entrevista, você deu sorte que eu sou uma pessoa muito tímida, e que essa entrevista venha com que as pessoas

reconheçam a gente, reconheçam que nós estamos aqui para ganhar nosso salário, trabalhando honestamente e que venha todas ajudas para a gente possível.

Entrevistadora: Posso perguntar qual é seu ano de nascimento.

Vera: Eu sou 1/9/1963, eu tenho 46 anos.

Entrevistadora: E qual é seu último ano da escola que você alcançou?

Vera: Eu fiz o segundo grau completo, já tem anos que eu parei de estudar, não me lembro exatamente, mas eu completei todas as fases. Eu só não cheguei a fazer faculdade porque na época não deu para eu fazer, porque veio filho, foi casamento e tudo, tudo bem que não justifica, mas hoje agora o que eu não fiz, graças a Deus minhas filhas estão fazendo.

Entrevistadora: E seu trabalho?

Vera: Meu trabalho está bem. Graças a Deus eu faço uma coisa que eu me identifiquei, que eu gosto de fazer e me sinto bem.

Entrevistadora: Onde você mora?

Vera: Eu moro na Massaranduba, Cidade Baixa.

Entrevistadora: Esse é o nome de seu bairro?

Vera: Massaranduba.

Entrevistadora: Muito obrigada por sua participação. Se você tem perguntas, você pode falar comigo. Obrigada.

Vera: Eu espero que essa entrevista, como eu lhe falei, sirva para que venha alguma força, alguma ajuda para nós trançadeiras, eu não estou pedindo só para mim, para nós grupo trançadeiras do Pelourinho.

Entrevistadora: Obrigada.

Vera: De nada.